

A supressão de sons no português brasileiro

Autora: Rafaella Freitas de Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Poliana Maria Alves

Resumo: O presente trabalho visa analisar a supressão de sons do português brasileiro em quatro contextos, a saber: supressão de vogais entre consoantes e pausa, supressão de vogais na posição postônica não final, supressão de sílabas idênticas em limite de palavra e supressão de sílabas pretônicas, no português brasileiro. O *corpus* da pesquisa compõe-se de dados obtidos da fala coloquial espontânea de conversas do WhatsApp.

Palavras-chave: supressão de sons, português brasileiro, fala espontânea

1. Introdução

O presente artigo visa analisar a supressão de sons no português brasileiro. Essa supressão ocorre em quatro contextos: supressão de vogais entre consoantes e antes de pausa; supressão de vogais na posição postônica não final; supressão de sílabas inteiras em limite de palavras e supressão de sílabas átonas pretônicas.

Como já salientado, a supressão de vogais pode acontecer em dois ambientes: na posição entre consoantes seguida de pausa (como em *saudades*, em que a pronúncia se torna *saudads*) e na posição postônica não final. Este tipo de supressão é um dos recursos utilizados pelo falante para transformar a palavra proparoxítona em uma paroxítona — posição mais frequente de incidência do acento de intensidade no português —, tal qual como ocorre no exemplo em *arvore* > *arvre*. Já a supressão de limites de palavras se dá quando há dois sons semelhantes seguidos um do outro. Um exemplo desse fenômeno é o vocábulo formal “*faculdade de letras*”, que, com a supressão, o falante acaba produzindo [fakuw'dadʒi'letras]. Por fim, a supressão de sílabas átonas pretônicas aqui estudadas tem um foco específico na passagem de *você* para “*cê*” e os seus ambientes.

Para fins de pesquisa, utilizou-se áudios de WhatsApp de 22 falantes do português brasileiro. Esses falantes são nascidos e criados na capital brasileira. A escolha do meio de comunicação WhatsApp foi motivada pela necessidade de um falar mais espontâneo, o que é permitido nessa rede a partir

de conversas informais entre amigos e parentes. Para a análise dos áudios, o programa PRAAT¹ foi utilizado.

2. O dialeto brasileiro

“Podemos dizer que em Brasília os estereótipos dialetais são limitados e não se perpetuam. O brasileiro não adota qualquer grupo regional como um grupo de referência, cuja fala queira imitar. No português falado em Brasília todos os falares regionais têm guarida, mas não proliferam as tipicidades a eles relacionadas.” (BORTONI-RICARDO, 2010)

A capital do Brasil tem um dos dialetos poucos estudados no português brasileiro, principalmente no nível fonético-fonológico, área que há uma grande carência de descrições linguísticas. A maior parte dos estudos do português brasileiro está reunida no livro *O falar candango*, de Bortoni-Ricardo (2010), em que há uma predominância de pesquisas sociolinguísticas.

Desse modo, a pesquisa visa contribuir para os estudos e ampliar o conhecimento sobre o nível fonético-fonológico desse dialeto.

3. A supressão

3.1. A supressão postônica não final

“A supressão da vogal postônica não-final é um fenômeno atuante desde o latim e ocorre, com bem assinala Nunes (1956, p. 66), graças a uma tendência geral da língua de “evitar os proparoxítonos”.” (GOMES, 2017)

Muitos especialistas apontam o ambiente fonético como um dos principais motivos de apagamento de vogais. Gomes evidencia isso com os autores Williams (1961, p. 64) e Coutinho (1976, p. 106-107) que apontam alguns contextos, sendo eles, respectivamente: a presença de consoantes *l, m, n e r*, e o fato de a vogal estar posicionada entre consoante oclusiva e lateral ou vibrante.

Sobre a história das proparoxítonas, é relevante afirmar que:

“No português arcaico (do século XII ao XIV), raras eram as palavras proparoxítonas, à exceção de vocábulos semieruditos pertencentes à liturgia, ao direito e à medicina. Foi o movimento renascentista o responsável pela reintrodução de alguns vocábulos proparoxítonos na língua portuguesa, (...) Hodiernamente, os vocábulos eruditos

¹ O PRAAT é um programa gratuito, específico para estudos de análise acústica. Foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Institute of Phonetic Sciences da Universidade de Amsterdam. Disponível em: <www.praat.org>.

ainda constituem grande parte das palavras proparoxítonas.”
(GOMES, 2017)

Entende-se, no entanto, que há uma busca pelo falante de alterar esse acento gráfico e colocá-lo como paroxítono, que é a acentuação mais comum no português. Gomes (2017) aponta que há duas possibilidades de redução das palavras proparoxítonas para paroxítonas, são elas:

- (a) Perda da vogal postônica não final, como em *árvore* > *árvre*.
- (b) Perda da vogal postônica não final e da consoante seguinte, como em *fígado* > *figo*.

No primeiro processo, há apenas uma síncope, apenas a vogal postônica sai de cena. Já no segundo caso, há uma segunda síncope para que a estrutura da palavra seja aceita pelo falante: *fígado* > *fígdo* > *figo*.

Apesar de ser um fenômeno que parece ser visto em várias regiões brasileiras, ele é pouco estudado. Gomes (2017) ressalta os estudos de Head (1986), em que há a verificação do comportamento das proparoxítonas em cartas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*; os de Caixeta (1989), que aborda a recolha de palavras proparoxítonas em diversos *corpora* orais (aqui há uma tentativa de descrição do comportamento desses vocábulos); os de Aguilera (1996), que trata da investigação das proparoxítonas em cartas do *Atlas Linguístico do Paraná*; os de Aragão (1999), que visa a observação da realização das proparoxítonas em Fortaleza; os de Amaral (2000, 2002), que objetiva a observação de informantes da zona rural de São José do Norte (RS); os de Ximenes (2005), que trata da observação em Rio Verde (GO); os estudos de Silva (2006), que aborda a observação em Sapé (PB); os de Lima (2008), que visa a observação no sudeste do Goiás; os de Ramos (2009), que objetiva a observação no noroeste de São Paulo; e os de Cardoso (2007), cujo objetivo é o de postular uma tipologia para o apagamento da vogal pós-tônica não final a partir da análise de atlas linguísticos já publicados. Além desses trabalhos, há o de Gomes (2017), em que há a investigação que desse fenômeno no Rio de Janeiro.

Gomes (2017) aponta que um dos fatores que levam esse assunto a ser pouco estudado é a sua potencial relação com as variedades de prestígio e as de não prestígio, sendo a primeira a classe que não é propensa a esse tipo de realização. Um outro fator é a produtividade lexical dos itens proparoxítonos.

3.1.1. O acento paroxítono

O português é marcado por três acentos diferentes: oxítona, que tem o acento gráfico na última sílaba da palavra; paroxítona, que tem o acento gráfico na penúltima sílaba; e proparoxítona, que tem o acento gráfico na antepenúltima sílaba da palavra. As palavras paroxítonas são as de maior quantidade na língua portuguesa, seguida pelas oxítonas e, por fim, pelas proparoxítonas, que constituem 12% do total de palavras na língua portuguesa, como aponta o dicionário Houaiss (apud GOMES 2017).

3.2. A supressão da vogal entre consoantes antes de hiato

Alkimin e Gomes (1982) apontam que a síncope ocorre, de maneira geral, com a vogal /i/, em formas com plural, como em pentes [pẽ'ts]. O seu ambiente fonético pode ser qualquer oclusiva ou fricativa, exceto /s/ ou /z/, seguida sempre de /s/. Essa situação também limita o ambiente dentro da fala, uma vez que solicita que seja sempre antes de pausa. Uma outra característica relevante a ser colocada é que a consoante precedente é ensurdecida.

Ainda, elas ressaltam duas hipóteses para que a presença da vogal se dê de forma subjacente:

- (a) a vogal está presente na forma subjacente e seria eliminada por processos fonológicos: /saw'dadis/;
- (b) a vogal não está presente nessa forma e seria incluída por processos fonológicos: /saw'dads/.

As autoras encaravam que as vogais /a/, /u/ e /i/ seriam as vogais passíveis de se acontecer essa perda. No entanto, a partir do estudo de outros dados, como ['fatus] e ['kazas], constatou-se que as formas com as vogais /a/ e /u/ suprimidas são agramaticais, o resultado dessas supressões é *['fats] e *['kazs]. Desse modo, fica evidente que apenas a vogal /i/ pode sofrer essa supressão.

Já com o ambiente consonantal, as pesquisadoras salientam que qualquer fricativa e oclusiva, exceto /s/ e /z/, podem ocorrer como primeira consoante. Já a segunda consoante será sempre o /s/. Elas destacam que há uma impossibilidade da primeira consoante ser líquida ou nasal: ['laris] > *['lars] (lares); ['tenis] > *['tens] (tênis); ['fumis] > *['fums] (fumes).

É destacado pelas pesquisadoras que o ambiente fonético consoante–vogal–pausa não possibilita essa síncope. Para que ela exista, faz-se necessário o ambiente consoante–vogal–consoante–pausa. Além disso, quanto à construção CVC nas palavras, elas acrescentam:

“Segundo todos os dados levados em consideração até o momento, a sílaba estruturada em CVC ocorre no final de palavra, em final de frase. Mas não se trata da única possibilidade dentro da língua. O fenômeno pode ocorrer em meio de palavras como em 'acontecido' [akõt'sidu] e também em início de palavra como em 'distribuição' [d̥stribuysãw̃]. Entretanto, pode não ocorrer em 'distinção' [istfĩsãw̃], problemas estes que não serão discutidos no presente trabalho.” Alkimin e Gomes (1982).

3.3. Supressão de sílabas idênticas no meio de expressões

Esse fenômeno consiste na supressão de sílabas idênticas no meio de expressões, ou seja, a sílaba final de uma palavra é idêntica à primeira sílaba (ou à palavra inteira, no caso de monossílabos, que são marcados pelo uso da preposição “de”) da palavra seguinte, como em faculdade de letras > [fakuw'dadzĩ'letras]. Alkimin e Gomes (1982) frisam que a supressão de uma sílaba sempre ocorre, exceto quando há uma intenção de destaque por parte do falante ou então uma fala mais pausada.

É evidenciado por elas a necessidade de se ter consoantes com o mesmo ponto de articulação para que haja essa supressão. Quando não há, a supressão gera dados agramaticais, como em *[ka'baʃu] (cabo baixo) em que é suprimida uma sílaba diferente da seguinte, gerando uma nova palavra, porém agramatical.

Alkimin e Gomes (1982) propõem a análise de outros dados para que se possa especificar o tipo de consoante envolvida desse processo de haplologia. Em expressões como “sabe beijar” e “cano novo”, o que acontece não é de fato uma supressão de uma das sílabas idênticas, mas uma supressão da consoante que fica entre as duas vogais idênticas, como em [ˈsab:ey'ʒa] e [ˈkãn:ovu]. Desse modo, a conclusão das autoras é de que a supressão se apresenta com sílabas com /t/ e /d/ subjacentes.

A última análise feita pelas autoras sobre as consonantes abarca dados como pode deixar [ˈpɔdey'ʃa], pode falar [ˈpɔfa'la] e pode brincar [ˈpɔbrĩ'ka], em que há a supressão de uma das sílabas mesmo que essas não sejam idênticas. Sobre os resultados gramaticais concebidos, elas salientam que há uma outra

regra que explica esse processo e que só se aplica a certos itens lexicais caracterizados como proclíticos, desse modo há a supressão de uma sílaba por efeito da próclise.

Por fim, sobre as vogais, Alkimin e Gomes (1982) frisam que é necessário estudar suas características para terminar a composição dessa haplologia, uma vez que há dados, como pata da Gazela *[ˈpadafaˈzɛlɐ], que dão resultados agramaticais. Segundo as pesquisadoras, as vogais podem ser definidas visualizando dados gramaticais, como em [ˈledʒiˈkoku] e [fakuwˈdadʒiˈletras], em que as primeiras vogais possuem o traço [+alto]. Nesse caso, parece não existir restrições para a segunda vogal e, além disso, é necessário que ambas as vogais sejam átonas. Então, ter um traço [+alto] para a primeira vogal, sem restrição para a segunda vogal e as duas átonas, são as características das vogais envolvidas na haplologia.

3.4. Supressão de sílabas átonas pretônicas: o “cê”

Como já salientado, essa supressão tem como objetivo verificar a forma “cê” que culminou de um processo de simplificação fonética com a supressão da sílaba átona de você.

Para início, a história dessa expressão começa muito antes com a expressão Vossa Mercê.

"Entre as qualidades atribuídas aos reinantes, figurava naturalmente a de recompensar os que lhes prestavam bons serviços e a essa recompensa ou paga dava-se e dá-se ainda o nome de mercede ou mercê. Assim, como é sabido, eram tratados os reis entre nós ainda no século XIV, como consta dos documentos do tempo. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outras pessoas, a princípio talvez aos poderosos, os que, depois dos monarcas, mais no caso estavam de recompensar, e, em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na boca de toda a gente, se transformou de vossa mercê em vossemecê, vomecê e até você, em que apenas as sílabas acentuadas das duas palavras se salvaram". (J. J. Nunes, 1928 apud NASCENTES, 1956)

Isto é, depois de generalizar o uso de Vossa Mercê para pessoas que não eram o rei, para pessoas da realeza, houve uma simplificação fonética, em que apenas as sílabas acentuadas de Vossa Mercê se mantiveram, formando, então,

você. Pode-se afirmar, assim, que as sílabas átonas foram retiradas das palavras.

Com o tempo, a simplificação fonética continuou, o aumento de usos do *você* culminou em mais uma supressão das sílabas átonas, que resulta na forma “*cê*”, como aponta Peres (2007):

“O processo de gramaticalização pelo qual passou *você*, que o transformou em pronome, e a crescente obrigatoriedade do preenchimento do sujeito culminaram no aumento do uso da forma *você*, e essa freqüência levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma *cê*.”

A partir do pouco estudo relativo ao local de aparecimento dessa forma “*cê*”, este artigo se propõe a estudar também o ambiente em que essa forma aparece na fala.

4. Metodologia

Para atender as demandas do trabalho, optou-se por áudios do *WhatsApp*, uma vez que, nessa plataforma, é possível se comunicar através de uma gravação, de maneira natural, sem um controle da fala. Desse modo, cerca de 20 áudios de cada participante foram escolhidos de maneira aleatória. A única exigência foi a de ter um som limpo (ou o mais limpo possível), para que ruídos externos não atrapalhassem na identificação do fenômeno.

Os informantes foram escolhidos com base na frequência que se faziam presentes nessa rede social, além de ter uma proximidade com o pesquisador, dado o fato da facilidade de se conseguir áudios menos controlados com essas variantes. Para a constituição do *corpus*, foram escolhidos 22 sujeitos, de idades variadas entre 20 e 53 anos, todos com formação acadêmica de nível superior ou em formação. Desses sujeitos, 11 eram mulheres – A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11 e A12 – e 10 eram homens – B1, B2, B3, B4, B5, B6, B7, B8, B9 e B10.

Para a transferência dos áudios do celular para o computador, cada um foi enviado por e-mail. Em seguida, transformou-se seu formato de extensão *opus* para a extensão *MP3*, já que é o formato que o programa PRAAT aceita. Concomitantemente, os áudios foram renomeados para as primeiras palavras do áudio, para, assim, facilitar o trabalho na hora de identificá-los.

Posteriormente, os áudios foram inseridos no PRAAT. Dentro desse programa, cada um foi analisado separadamente, a fim de se identificar o fenômeno em análise. Ao encontrar o fenômeno, o fragmento era cortado contendo apenas as palavras (ou palavra, no caso da supressão de vogais) necessárias para a análise.

Por último, alguns áudios foram selecionados para representar o seu fenômeno. Esses foram inseridos novamente no PRAAT e transcritos ortograficamente e foneticamente, além disso seu *pitch* e sua intensidade foram alterados. Essas alterações foram feitas com o propósito de facilitar a observação do fenômeno aqui estudado dentro do PRAAT.

Após todo esse processo de análise dos áudios, os dados encontrados foram comparados com o levantamento teórico aqui citado.

5. Análise

5.1. A supressão postônica não final

O *corpus* em análise é extenso, no entanto nenhum áudio foi encontrado com o fenômeno citado.

Esse fato levou a um questionamento, como já apontado por Gomes (2017), de que há uma relação entre a supressão da vogal postônica não final com o nível social, uma vez que o *corpus* é composto por pessoas com, no mínimo, ensino fundamental completo e que moram em regiões próximas ao Plano Piloto, local considerado de prestígio em Brasília. Os falantes dessa região mostram uma tendência a não realizar esse tipo de supressão.

Em relação às pessoas que moram mais afastadas do Plano Piloto, pode-se levantar um outro ponto: muitos informantes são ligados à área de educação. Essa área em cidades de prestígio social do Brasil solicita que haja o mínimo de erro na fala, uma vez que são essas pessoas que lidam diretamente com a educação formal de outras pessoas.

5.2. A supressão da vogal entre consoantes antes de hiato

Esse fenômeno também não foi encontrado no *corpus* em análise. Um dos fatores que pode ter influenciado nessa falta de dado foi a ausência de palavras no plural desse *corpus*, e, quando havia essa variação de número, os informantes falavam de uma maneira mais pausada a palavra; desse modo a

palavra saia completa, isto é, com a pronúncia clara de todos os sons. Abaixo, encontra-se um exemplo dessa situação.

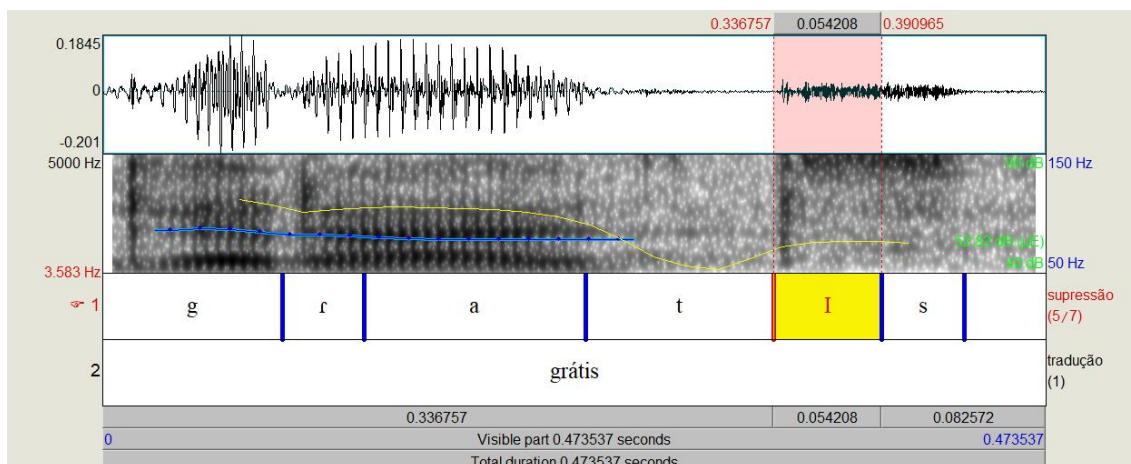


Imagem 1 – grátis

5.3. Supressão de sílabas idênticas no meio de expressões

Para esse fenômeno, alguns dados foram encontrados, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

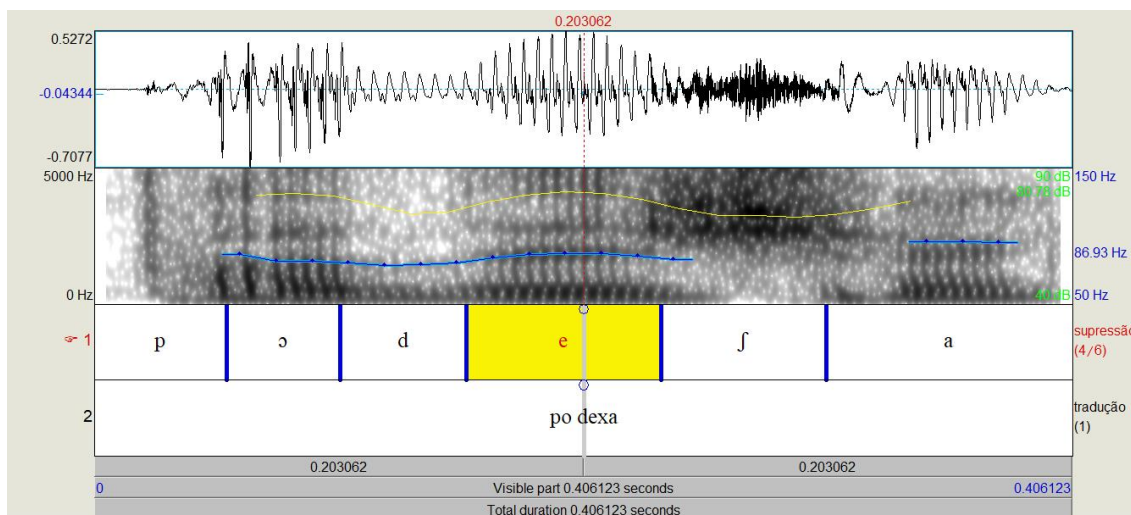


Imagem 2 – pode deixar

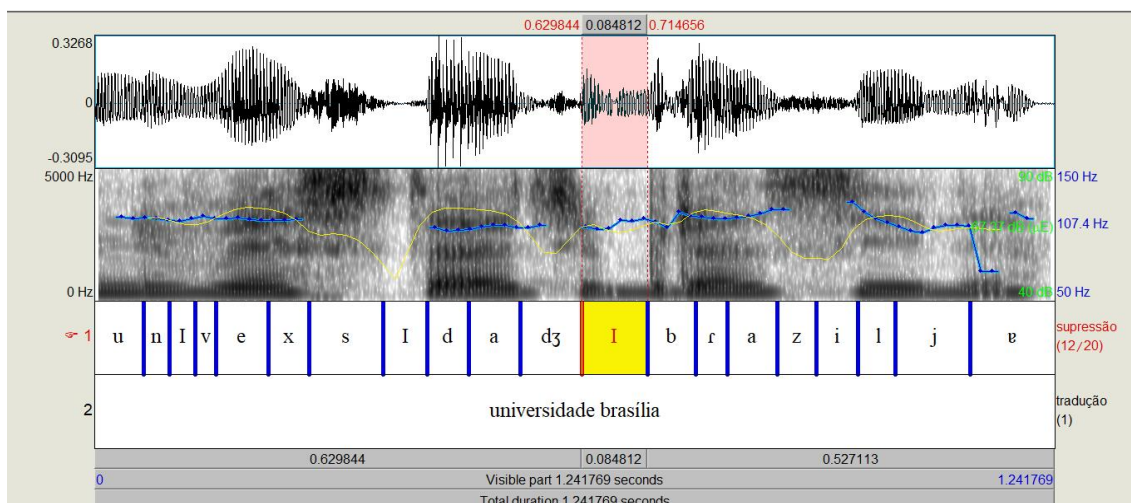


Imagem 3 – Universidade de Brasília (com supressão)

Nesses dois casos, há a supressão de uma das sílabas “de”. No primeiro caso, há o encontro da última sílaba de “pode” com a primeira sílaba de “deixar”, que são idênticas e, no momento da fala, o informante acaba fazendo a supressão de uma delas, formando a expressão “pó dexa”.

Já no segundo caso, há o encontro da última sílaba de universidade com a preposição “de”, resultando nessa supressão que pode ser pouco percebida em alguns casos.

Em contraste a esses dados, tem-se aqui a ocorrência de sílabas idênticas em que as duas são pronunciadas, que foi motivado pela fala pausada da informante, fato que foi salientado pelas autoras Alkimin e Gomes. Veja a seguir.

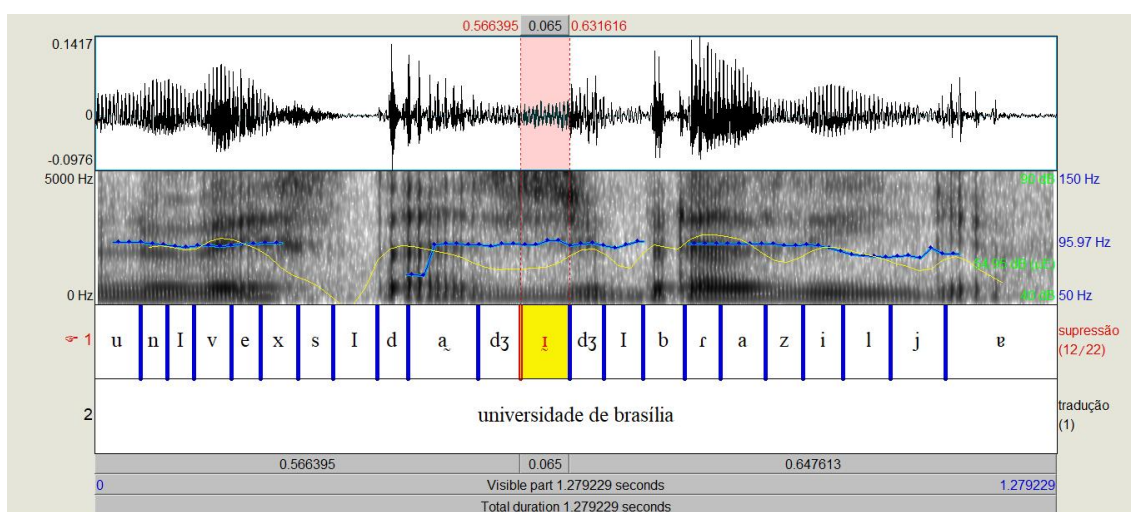


Imagem 4 – Universidade de Brasília (sem supressão)

5.4. Supressão de sílabas átonas pretônicas: o “cê”

É relevante afirmar que, apesar de ser um termo que se ouve recorrentemente na fala dos brasilienses, novamente, quando sistematizado, não foram encontrados muitos áudios. Em todo o *corpus*, foram encontrados poucos áudios com esse fenômeno. Nesses áudios, somente o “cê” e a palavra anterior a ele foram transcritos foneticamente por ser a parte que interessa para a análise.

Nos dados encontrados, têm-se as seguintes situações:

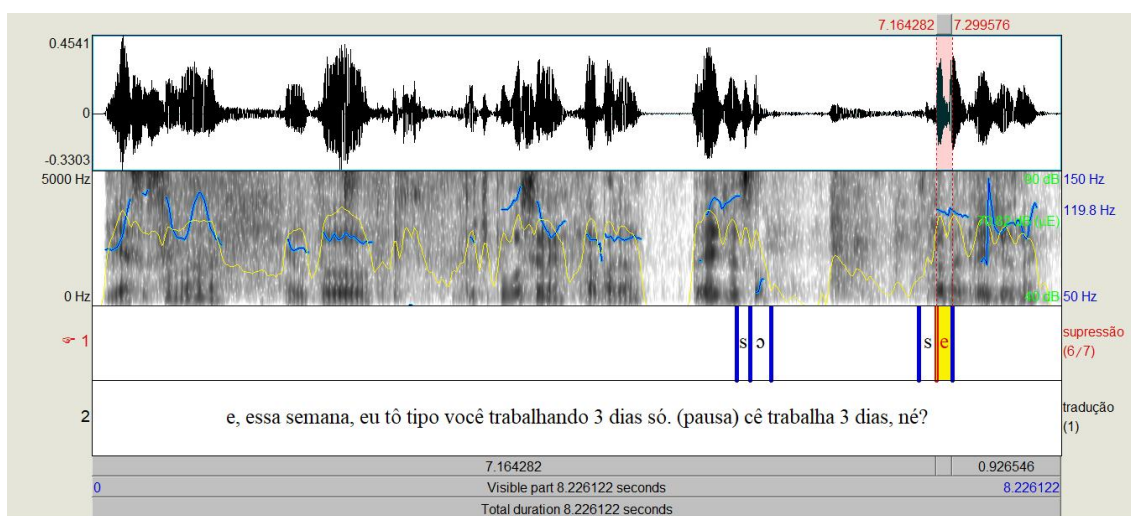


Imagem 5 – o “cê” (depois de pausa)



Imagem 6 – o “cê” (depois de vogal)

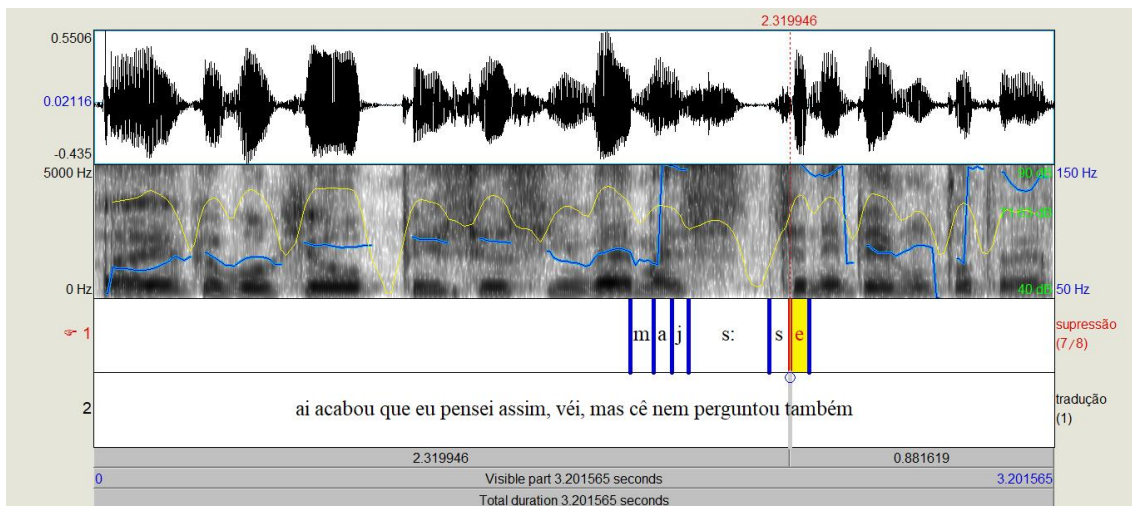


Imagem 7 – o “cê” (depois de consoante)

Pode-se perceber a partir dessas imagens que, apesar de não ter muitos dados, existem dados que ratificam a possibilidade do aparecimento do “cê” depois de pausa, vogais e consoantes, isto é, a supressão escolhe um ambiente amplo e não muito específico.

6. Conclusão

Por meio do estudo aqui realizado, verificou-se que, apesar de os diferentes tipos de supressão serem fenômenos que recorrentemente são percebidos de oitiva, ao sistematizá-los para efeito de análise, não foram tão frequentes como o esperado.

Nos casos de supressão de vogais, deve sempre ter em mente que, nesses casos, há variantes relevantes que podem ter sido cruciais para o fato de o fenômeno não ter sido encontrado, como é o caso da passagem para as proparoxítonas, em que a variante de região e escolaridade podem influenciar bastante. Já no caso da supressão da vogal entre consoantes e antes de hiato, o fato de não ter muitos dados com palavras no plural pode ter afetado o resultado.

Por fim, no caso da supressão de sílabas, esse fenômeno pareceu ser mais produtivo, uma vez que se encontrou mais áudios. Sobre esse tipo de supressão é relevante ressaltar que, em primeiro lugar, a supressão de sílabas idênticas no meio de palavras pode ser desfeita com a pausa, como foi apresentado durante o trabalho, mas se mostrou bem mais efetiva. Em segundo

lugar, a supressão da sílaba pretônica e o uso da forma “cê” mostraram-se também efetivos e podem aparecer em ambientes variados.

7. Referências bibliográficas

ALKMIM, M; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística* . Belo Horizonte, v.7, p. 43 - 51, 1982.

BORTONI-RICARDO, S.; VELLASCO, A. M. M. & FREITAS, V. A. L. O falar candango – análise sociolingüística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 2010.

GOMES, Danielle Kely. A síncope das vogais postônicas não-finais: variação na fala popular urbana do Rio de Janeiro. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, [S.l.], v. 8, fev. 2017. ISSN 1980-2552. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7960>>. Acesso em: 10 Nov. 2018.

NASCENTES, A. O tratamento de ‘você’ no Brasil. *Letras*. n. 5/6, p. 114-22, 1956.

PERES, E. P. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)textos linguísticos*. n.1. Vitória, p. 155- 168, 2007.